

Centros de Recuperação de Fauna



Relatório de Actividades 2007

Um projecto



Com o apoio



Ficha Técnica:

Redacção: Samuel Infante

Edição: QUERCUS A.N.C.N.

Castelo Branco – Maio 2007

QUERCUS – A.N.C.N.

Bairro do Calhau

Centro Associativo do Calhau

1500-045 Lisboa

Tel: 217788474

Fax: 217787749

quercus@quercus.pt

www.quercus.pt

Agradecimentos

Este relatório reflecte o trabalho, dedicação e entusiasmo de voluntários, sem o esforço dos quais seria impossível continuar este projecto.

Deixamos também uma palavra de apreço a todos aqueles que colaboraram connosco através do apadrinhamento de animais e às empresas e entidades cujo apoio foi fundamental para o bom funcionamento dos Centros.

A todos os que contribuíram para este projecto, um grande bem-haja.

Resumo

A QUERCUS A.N.C.N. tem actualmente três centros de recuperação de fauna selvagem, que têm como principal objectivo recuperar animais selvagens debilitados e devolvê-los ao meio natural. Paralelamente desenvolvem-se outras actividades, como acções de formação e de educação ambiental e estudos nas áreas de biologia e veterinária.

Em 2007 nos três centros de recuperação receberam 259 animais cento, o que corresponde a um decréscimo comparativamente a anos anteriores. A maior afluência de animais deu-se nos meses de Junho, Julho e Agosto O SEPNA e o ICNB foram as entidades que entregaram o maior número de animais, destacando-se ainda o elevado número de animais entregue por particulares. As aves constituíram a grande maioria dos animais entrados (91%), das quais se destacaram as rapinas diurnas (36%), as cegonhas e garças (24%) e as rapinas nocturnas (20%). Apenas 5% dos animais entrados correspondem a espécies ameaçadas, acentuando-se a tendência decrescente verificada no ano anterior. As principais causas de entrada foram queda do ninho, atropelamento, debilidade e envenenamento. Excluindo os animais que deram entrada já cadáveres e os que transitaram para 2008 ainda em tratamento, verificou-se uma taxa de libertação de 43%, 46% de mortes.

Foram desenvolvidas diversas acções de educação ambiental, que envolveram três mil e quarenta participantes. Os CENTROS colaboraram ainda com diversos projectos de investigação, sobretudo relacionados com a conservação da Natureza.

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| AGRADECIMENTOS | 2 |
| RESUMO | 3 |
| 1. INTRODUÇÃO | 5 |
| 2. INSTALAÇÕES | 5 |
| 3. RECURSOS HUMANOS | 6 |
| 4. ÁREAS DE ACÇÃO | 7 |
| 4.1. RECUPERAÇÃO DE ANIMAIS | 7 |
| 4.1.1. NÚMERO DE ENTRADAS | 10 |
| 4.1.2. ENTIDADES QUE ENTREGARAM ANIMAIS..... | 11 |
| 4.1.3. ESPÉCIES ENTRADAS | 12 |
| 4.1.4. CAUSAS DE ENTRADA | 15 |
| 4.1.5. RESULTADOS DA RECUPERAÇÃO | 18 |
| 5. EDUCAÇÃO AMBIENTAL | 19 |
| 6. INVESTIGAÇÃO | 20 |
| 7. BIBLIOGRAFIA | 21 |

1. Introdução

O presente relatório visa avaliar de forma resumida as actividades desenvolvidas pelos três centros de recuperação de fauna da Quercus A.N.C.N. , nomeadamente o Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco (CERAS), o Centro de Recuperação de Animais Selvagens de Montejunto (CRAS) e o Centro de recuperação de Animais Selvagens de Santo André (CRASSA).

2. Instalações

As instalações dos centros estão maioritariamente direccionadas para aves, dado que este é o grupo faunístico com mais registos de entrada nos centros de recuperação. Actualmente as principais infra-estruturas são:

- Enfermaria – sala para avaliação e tratamento veterinário dos animais. Está equipada com uma mesa de exploração, um frigorífico, um microondas, uma bancada com água corrente e um armário com medicamentos e material corrente de veterinária. Possui ainda outros materiais de apoio, como material de contenção, de manuseamento, de anilhagem e de recolha de amostras;
- Quarentena – sala com aquecimento, onde podem ser contidos animais em três caixas de grande dimensão e duas de pequena. Aqui são colocados animais que necessitam de isolamento ou restrição de movimentos, para tratamento ou observação;
- câmaras de recuperação – pequenos compartimentos exteriores, construídos em cimento. Estas instalações permitem vigiar os animais, mantendo-os em situação de repouso. Destinam-se a animais que não necessitam de aquecimento, nem de tratamentos continuados e que já se alimentam sozinhos. Por vezes também são utilizados como quarentena para animais de grande porte, como os grifos. São as únicas instalações com capacidade para conter mamíferos;

- câmaras de muda – compartimentos exteriores de média dimensão, revestidos a rede. Destinam-se a animais que não estejam imobilizados, que não necessitem de tratamentos e que se alimentem autonomamente, permitindo-lhes uma maior estimulação que as câmaras de recuperação e, em alguns casos iniciar o treino do voo;
- túneis de voo – Instalações exteriores de grande dimensão, revestidas a rede. Destinados aos animais em fase final de recuperação, permite exercitar o voo e a caça em condições semelhantes às que encontram na Natureza;
- Biotério – compartimento destinado à produção de alimentação viva para os animais em recuperação. Em 2007 a produção restringiu-se à criação de ratos. A possibilidade de fornecer alimento vivo é muito importante na fase de pré-libertação, pois permite avaliar a capacidade de caça dos animais e, ao fornecer uma alimentação mais parecida coma a existente na Natureza, melhoram-se simultaneamente as hipóteses de sobrevivência dos indivíduos;
- Arrecadação – divisão onde se encontram armazenados diversos materiais de manutenção e construção .
-

3. Recursos humanos

Dada a escassez de recursos e as exigências particulares do trabalho desenvolvido no centro, o voluntariado tem-se assumido como um dos princípios pilares para o seu bom funcionamento. As funções atribuídas a cada voluntário dependem da sua disponibilidade, interesse e formação. Além dos voluntários os CENTROS têm nas equipas técnicos de várias áreas, Veterinária, Biologia entre outras.



Fig. 1 – Voluntário a cortar a erva num túnel de voo.

4. Áreas de acção

Para além da recuperação de animais selvagens, em 2007 os centros continuaram a desenvolver actividades nas áreas de educação ambiental, formação e investigação. Outra parte muito importante do trabalho desenvolvido prendeu-se com a manutenção e melhoramento das estruturas.

4.1. *Recuperação de animais*

O principal objectivo dos CENTROS consiste em recuperar animais selvagens, garantindo que são devolvidos à Natureza em condições que lhes permita sobreviver. Este processo passa por diferentes fases, mas deverá ser o mais breve possível, para assegurar a capacidade de sobrevivência dos espécimes.



Fig. 2 – Crias de coruja-do-mato.

Quando um animal chega ao CENTRO é-lhe atribuído um número de identificação e cria-se uma ficha de entrada, onde é registada toda a informação relativa a esse indivíduo e ao seu processo de recuperação. De seguida o animal é sujeito a uma avaliação e são-lhe prestados os primeiros socorros.

Posteriormente define-se um tratamento, que deve atender à espécie, idade e estado fisiológico do indivíduo e adequar-se à sua resposta ao tratamento, pelo que este deve ser mantido sobre vigilância. Genericamente os tratamentos consistem na administração de fármacos e no controlo da estimulação, mobilidade e alimentação.



Fig. 3 – Águia-cobreira em tratamento.

O processo de recuperação pode culminar em morte, transferência ou libertação. Em caso de morte os indivíduos são sujeitos a necrópsia, para esclarecer a causa de morte, excepto em alguns casos de eutanásia. A transferência pode ocorrer quando um animal fisiologicamente estável é considerado irrecuperável ou quando exija tratamentos que não possam ser efectuados nos centros, como intervenções cirúrgicas.

A libertação de um animal só ocorre quando se considera que este atingiu um grau de recuperação que permita a sua sobrevivência na Natureza, nomeadamente quando este estiver fisiologicamente estável e for capaz de se deslocar, alimentar e comportar satisfatoriamente. Antes de serem libertadas as aves são marcadas por meio de anilhas metálicas, para poderem ser identificadas em caso de recaptura. Por vezes também são colocadas anilhas em PVC colorido, que permitem identificar o animal à distância. O local de libertação é escolhido para maximizar as hipóteses de sobrevivência do indivíduo.



Fig. 4 – Grifo anilhado, durante a libertação.

De seguida analisam-se alguns dos dados relativos aos animais entrados nos CENTROS em 2007.

4.1.1. Número de entradas

Em 2007 registou-se um ligeiro decréscimo no número de entradas, contrariando a tendência de crescimento verificada em anos anteriores. Este decréscimo está relacionado com os cortes no financiamento por parte do ICNB, e consequentemente o encaminhamento dos animais para recuperação em outros locais. Em 2007 deram entrada 259 animais nos três centros (Fig. 5).

Deram entrada 129 animais no CERAS, 125 no CRASSA e apenas 5 no CRAS de Montejunto. Este valor baixo de entradas em Montejunto está relacionado com a abertura do CRAS apenas em Setembro.

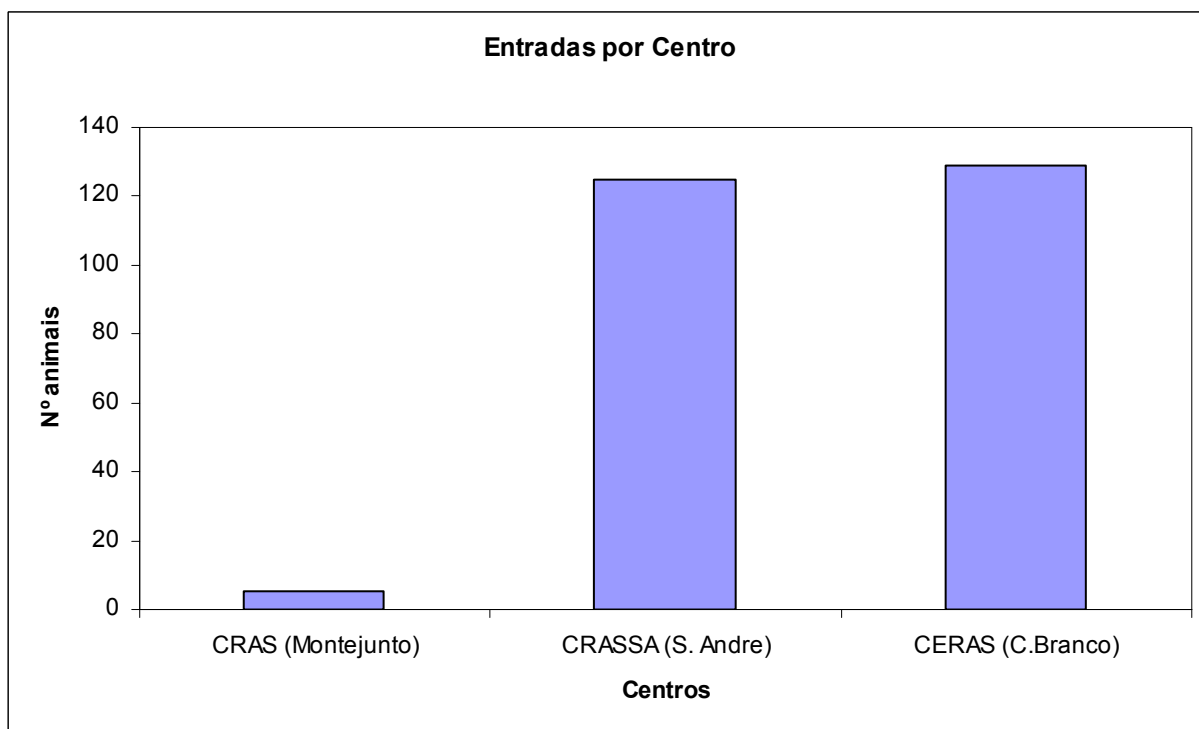


Fig. 5 – Entradas de animais por centro em 2007.

4.1.2. Entidades que entregaram animais

A grande maioria dos animais que dão entrada no CERAS é entregue pelo Serviço de Protecção da Natureza e Ambiente da Guarda Nacional Republicana (SEPNA) ou pelo Instituto de Conservação da Natureza (ICN) (Fig. 6). De destacar ainda o grande número de animais entregues por particulares. Já no CRASSA a maioria é entregue por particulares (fig.7)

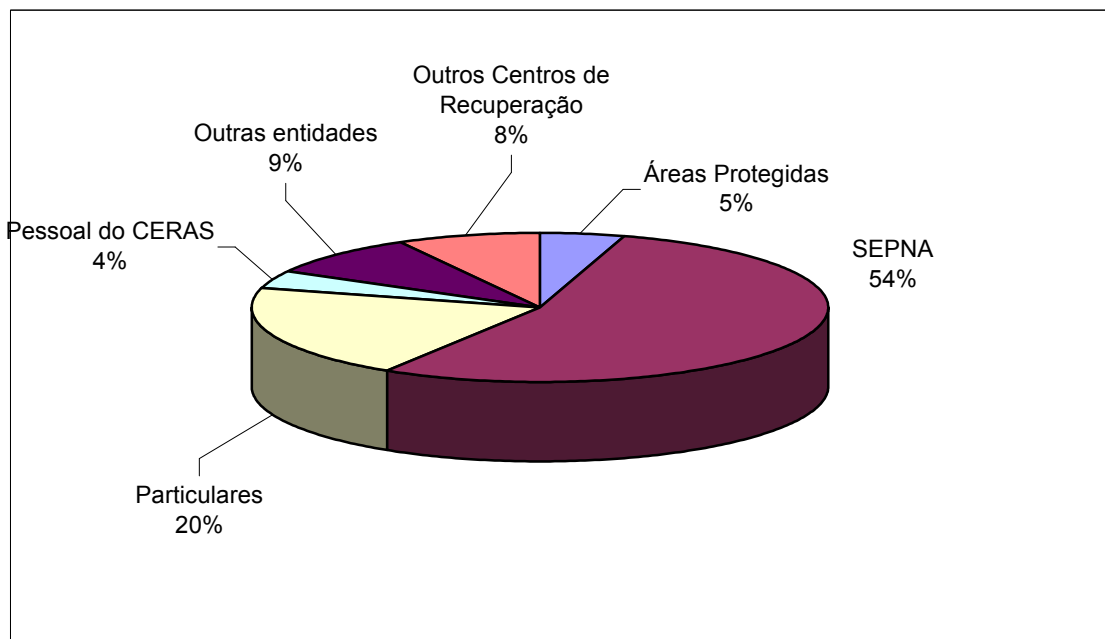


Fig. 6 – Percentagem de animais entregues por entidade no CERAS

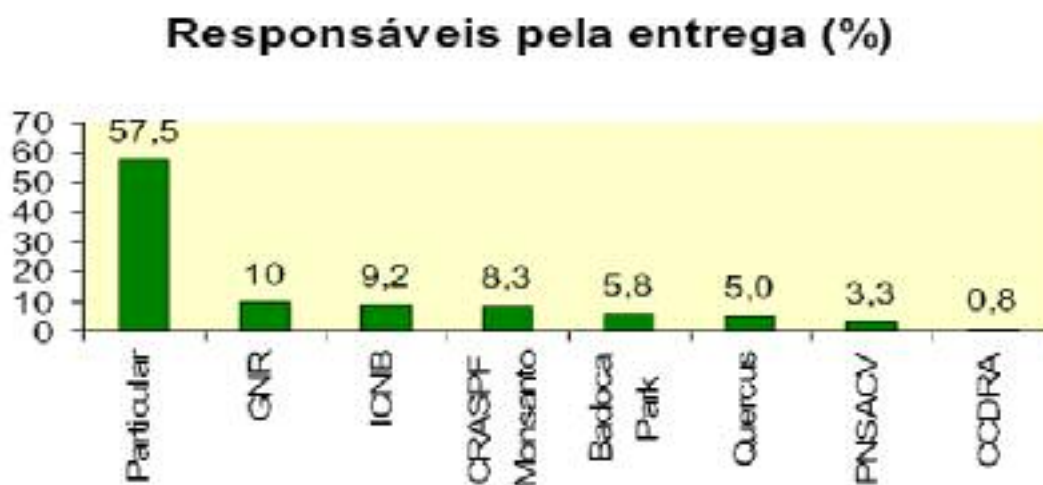


Fig. 7 – Percentagem de animais entregues por entidade no CRASSA

4.1.3. Espécies entradas

Em 2007 deram entrada nos CENTROS animais pertencentes a um total de quarenta e duas espécies animais distintas. Tal como aconteceu em anos anteriores a quase totalidade corresponde pertencente à classe das aves (Fig. 8), devido à facilidade da sua captura, quando debilitadas.

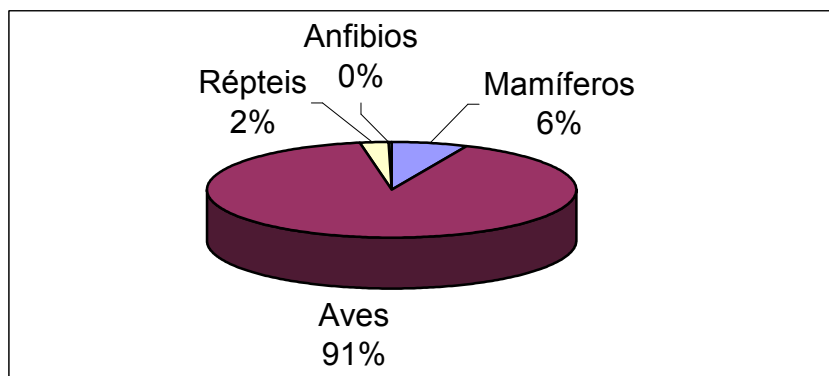


Fig. 8 – Percentagem de animais entrados por classe.

De entre as aves destacam-se accipitriformes (rapinas diurnas), os ciconiformes (cegonhas) e os estrigiformes (rapinas nocturnas) (Fig. 9). No seu conjunto os animais pertencentes a estas três ordens perfazem quatro quintos das aves entradas.

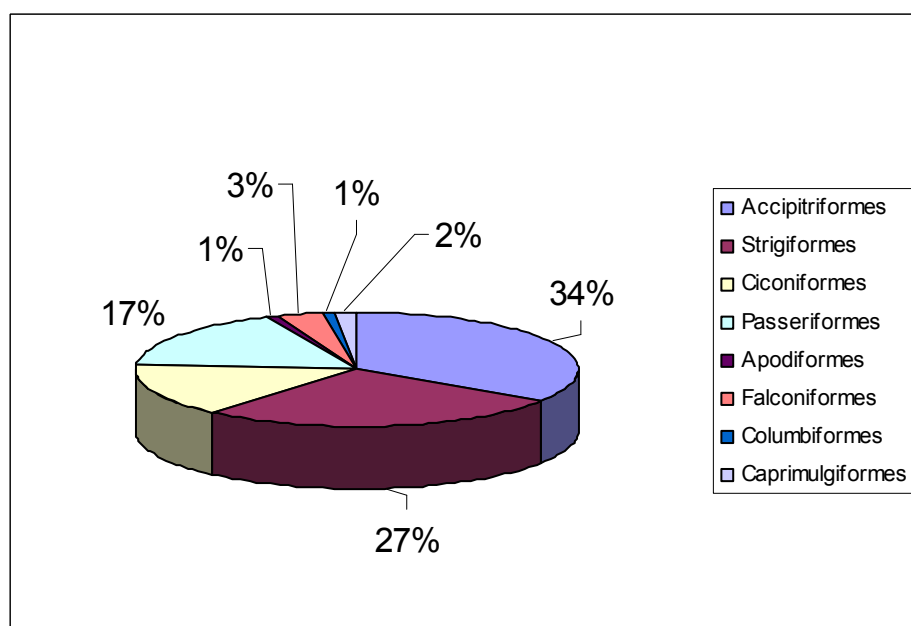


Fig. 9 – Percentagem de aves entradas por ordem taxonómica.

Os restantes animais que entraram nos CENTROS pertencem à classe dos mamíferos. Dentro deste grupo destaca-se a ordem dos carnívoros, à qual pertencem nove dos catorze registos existentes para o ano em análise. Em termos de número de entradas por espécie destacam-se o Grifo, a Cegonha-branca e o Mocho-galego no CERAS (Fig. 10). No CRASSA e no que diz respeito às aves, registaram-se 35 espécies, sendo a Gaivota argêntea (*Larus argentatus*) o Ganso Patola (*Morus bassanus*), a Águia de Asa redonda (*Buteo buteo*) (9), e o Grifo as que apresentam maior número de entradas (Fig.11). Os mamíferos registaram 8 espécies, a Lontra, o Ouriço cacheiro e o Esquilo são alguns exemplos.

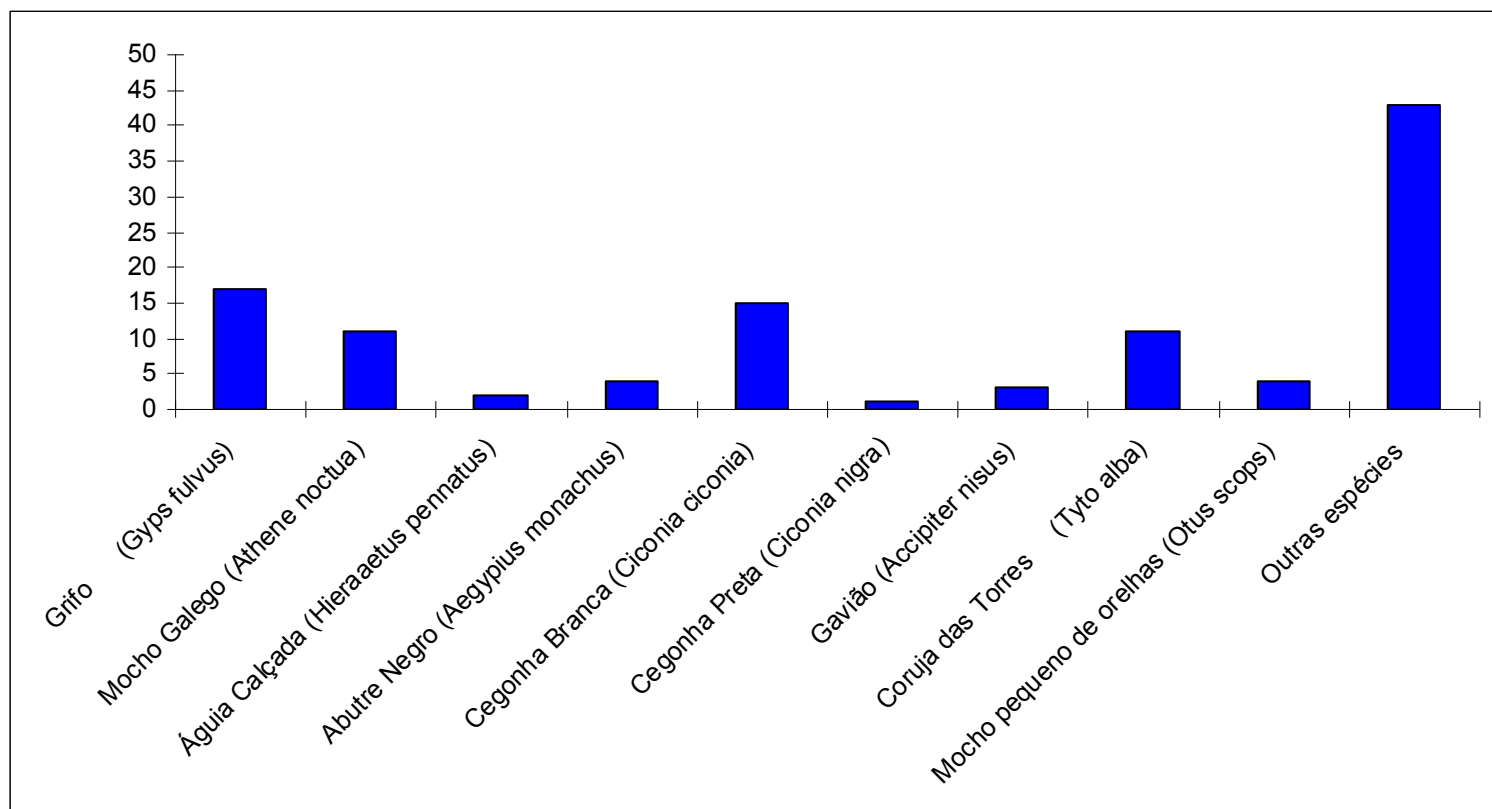


Fig. 10 – Número de indivíduos entrados por espécie no CERAS.

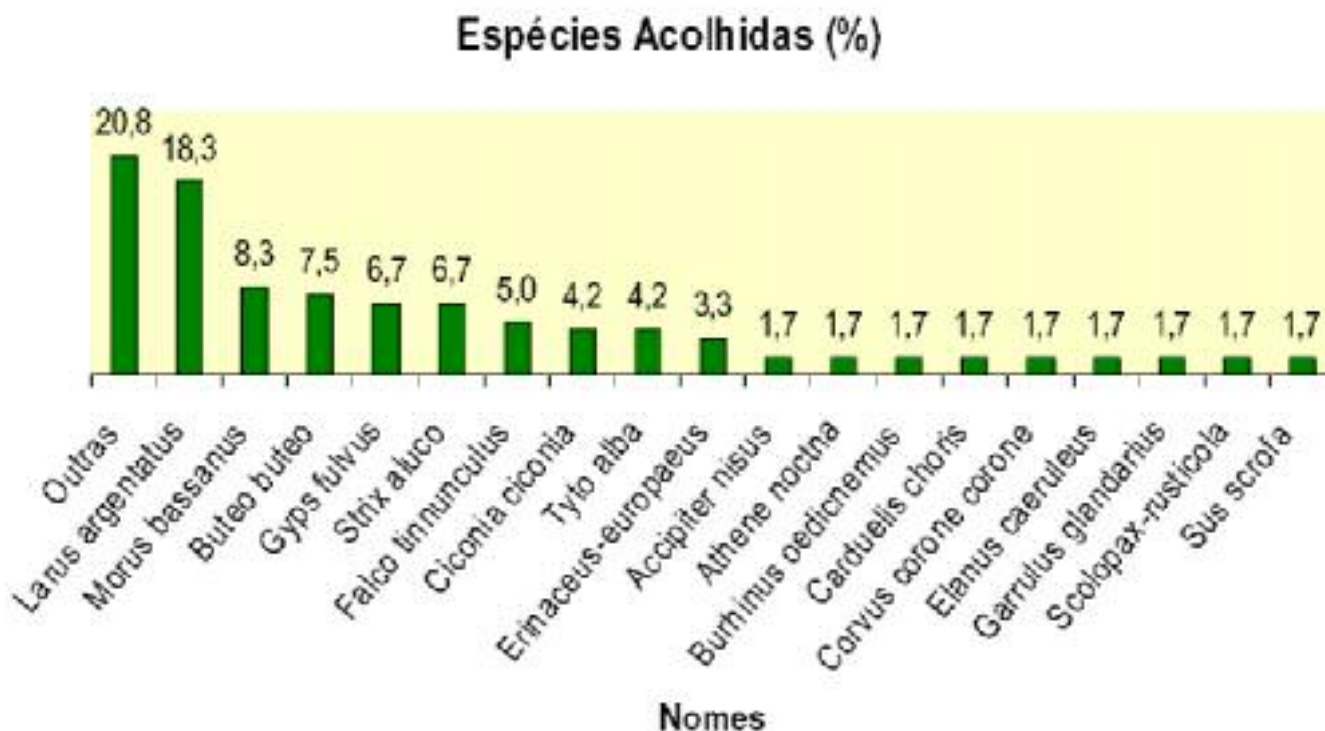


Fig. 11 – Número de indivíduos entrados por espécie no CRASSA.

Dos animais que deram entrada nos centros em 2007 há a salientar, do ponto de vista da conservação a recepção de 5 indivíduos pertencentes a espécies ameaçadas (Fig. 12), segundo o novo Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (Cabral *et al*, 2005).

Dos restantes animais recebidos, a grande maioria pertence a espécies com o estatuto “pouco preocupante”, pelo que a devolução destes espécimes à Natureza não é relevante para a preservação das respectivas espécies. No entanto, para além da questão ética da recuperação destes animais, a sua libertação constitui uma excelente ferramenta de educação.

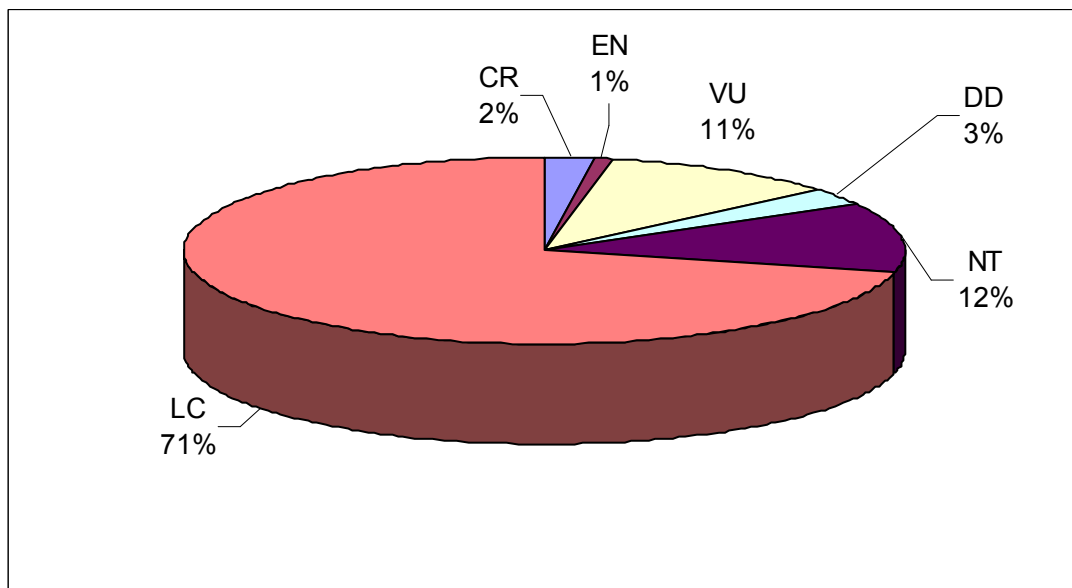


Fig. 12 – Percentagem de animais por estatuto de conservação. CR – Em perigo crítico (*critically endangered*); EN – Em perigo (*endangered*); VU – Vulnerável (*vulnerable*); NT – Quase ameaçado (*nearly threatened*); LC – Pouco preocupante (*least concern*); DD – Informação insuficiente (*data deficient*).

4.1.4. Causas de entrada

Em 2007, e à semelhança do que aconteceu em anos anteriores, a queda do ninho foi a principal causa de entrada (Fig. 13). Em segundo plano surge a entrada por debilidade seguida por disparo, atropelamento e envenenamento.

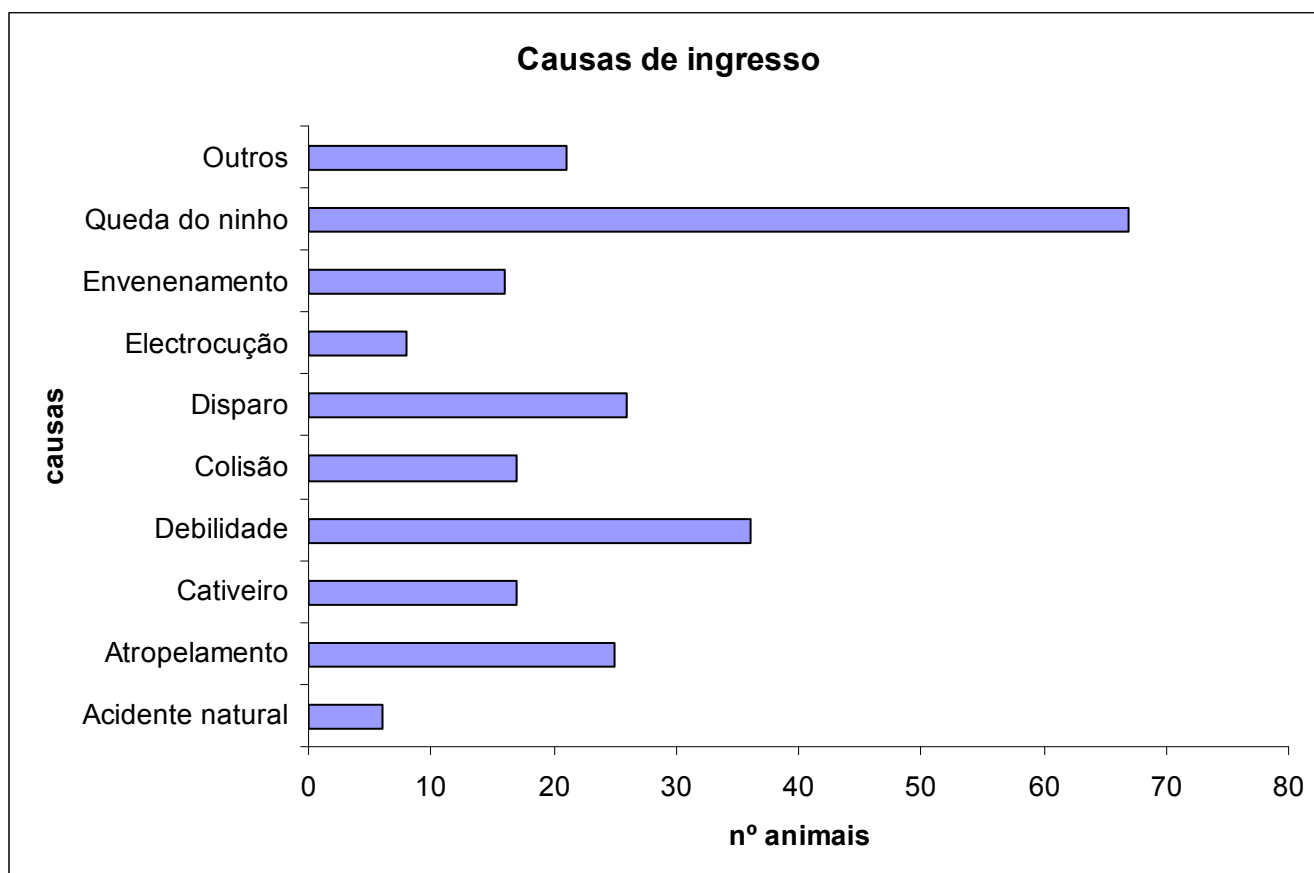


Fig. 13 – Causas de entrada.

- **Queda do ninho**

É frequente as crias de aves caírem do ninho, antes destas poderem voar convenientemente. Este acontecimento poder fazer parte do processo de aprendizagem de voo ou constituir um acidente, quando tal acontece em fases muito precoces do seu desenvolvimento. Em ambos os casos as aves deverão ser recolocadas no ninho ou na sua proximidade, deixando-as ao cuidado dos progenitores. Se tal não for possível as crias ficam no CENTRO até ganharem autonomia e só então são libertadas. De forma a evitar o surgimento de comportamentos anómalos o contacto de humanos com as crias tem de ser minimizado e favorecido, se possível, o contacto intra-específico. A taxa de libertação de crias é bastante elevada (69%) e geralmente a libertação só não acontece quando a queda do ninho provocou lesões na ave.

- **Desconhecidas**

Dadas as condições de recolha dos animais em muitos casos não é possível determinar a razão de ingresso no CENTRO, sobretudo quando os sintomas que apresentam não são suficientes para determinara a causa de ingresso.

- **Atropelamento e colisão**

Os atropelamentos e colisões com infra-estruturas humanas (linhas eléctricas, edifícios, cercas) são responsáveis por muitas entradas e a gravidade das lesões associadas a estas causas de entrada resulta em taxas de libertação muito baixas (24 e 33%, respectivamente).

- **Debilidade**

Alguns animais dão entrada por elevados níveis de cansaço, associados a subnutrição e desidratação. Estas situações verificam-se, em especial com animais jovens, nos períodos de dispersão e migração (final do Verão e Outono) e afectam algumas espécies em particular, como os Grifos. Em muitos destes casos, descanso e alimento são suficientes para a recuperação. A taxa de libertação de animais debilitados é elevada (75%).

4.1.5. Resultados da recuperação

Em 2007, deram entrada dezanove animais já cadáveres e dez transitaram para 2008, ainda em tratamento. Dos restantes, 43% foram recuperados com sucesso e libertados, 46% morreram e 7% eutanasiados. Foram transferidos trinta e dois animais para serem submetidos a cirurgia ou para centros de acolhimento de irrecuperáveis (Fig. 14).

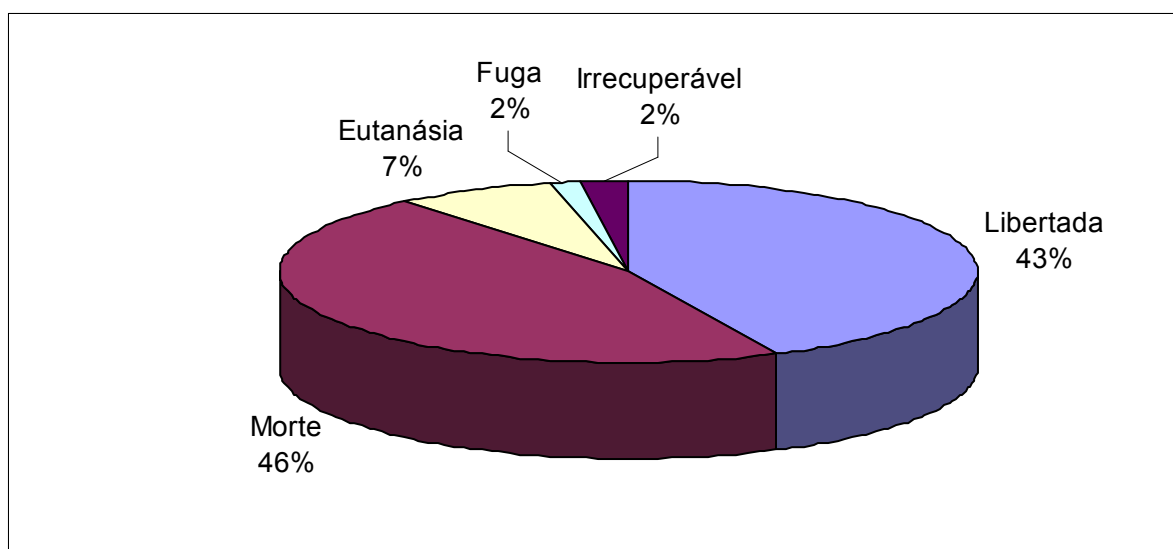


Fig. 14 – Resultados da recuperação, excluindo animais que entraram mortos e que permaneciam em tratamento no final do ano.



Fig.15 – Animal libertado.



Fig. 16 – Necrópsia

5. Educação ambiental

Foram desenvolvidas diversas acções visando sensibilizar e consciencializar a população para a conservação da Natureza. Estas acções envolveram **três mil e quarenta participantes**. Estas acções decorreram associadas à libertação de animais recuperados nos Centros.



Fig. 17 – Acção de educação ambiental, aquando da libertação de dois grifos.

6. Investigação

Procurando contribuir para a investigação aplicada à conservação da Natureza os CENTROS tem participado em diversos projectos. Em 2007 colaboraram em diversos projectos:

- “Impacto das linhas eléctricas na avifauna” – Resultante de um protocolo entre Quercus, Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), ICN e Energias de Portugal (EDP)

- Programa Antídoto Portugal – Promovido pela Quercus, Grupo Lobo, Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens (FAPAS), Liga para a Protecção da Natureza (LPN), ICN e Centro de Estudos da Avifauna Ibérica (CEAI), pretende conhecer e combater o uso ilegal de venenos em Portugal.

-Colecção de Referência de Ossos do Laboratório de Arqueo-zoologia do Instituto Português de Arqueologia (IPA) – Este instituto está a estabelecer uma colecção de referência dos ossos de vertebrados autóctones de Portugal. Os CENTROS têm colaborado ao nível de recolha, identificação, sexagem e envio de amostras.

7. Bibliografia

Cabral M.J. (coord.), J. Almeida, P.R. Almeida, T. Dellinger, N. Ferrand de Almeida, M.E. Oliveira, J.M. Palmeirim, A.I. Queiroz, L. Rogado & M. Santos-Reis 2005. **Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Peixes Dulciaquícolas e Migradores, Anfíbios, Répteis, Aves e Mamíferos**. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Dias, C. e Infante, S. 2003. **Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório técnico. Resultados de 2002**. Castelo Branco. Relatório interno.

Infante, S. e Silva, R. 2001. **Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de 1999-00**. Castelo Branco. Relatório interno.

Infante, S. 2004. **Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório técnico de 2003**. Castelo Branco. Relatório interno.

Infante, S. e Martins, M. 2005. **Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório técnico de 2004**. Castelo Branco. Relatório interno.

Lima, R. 2006. **Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2005**. Castelo Branco. Relatório interno.

Martins, M. 2000. **Importância dos Centros de Recuperação para a Avifauna Selvagem**. Relatório do trabalho de seminário do Curso de Engenharia de Ordenamento dos Recursos Naturais da Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Castelo Branco. Documento não publicado